

O testemunho de velhos militantes: singela homenagem a Alfredo Bosi

*The testimony of old militants: simple tribute to
Alfredo Bosi*

Paulo de Salles Oliveira

RESUMO: Este ensaio trata de um tipo particular de construção de militância social, em que Prof. Alfredo Bosi participou nos anos 70 junto a jovens migrantes que moravam em vilas de Osasco (SP). Não se tratava de doutrinar, mas de emancipar. Hoje aquelas jovens pessoas, já envelhecidas, permanecem em movimentos sociais pela comunidade e relembram com encanto as sólidas raízes em que se formaram como cidadãos.

Palavras-chave: Emancipação; Jovens; Velhos; Militância não doutrinária.

ABSTRACT: *This essay is about a particular way of constructing social militancy, in which Prof. Alfredo Bosi was involved, during the 1970s, among young immigrants in boroughs of Osasco in the State of São Paulo, Brazil. It was not a matter of indoctrination but of emancipation. Nowadays, those young people, now elderly, are still engaged in social movements for the community and they remember with fascination those solid roots on which they developed as citizens.*

Keywords: *Emancipation; Youth, Elderly people; Non-doctrinaire militancy.*

Em “A escrita e os excluídos”, capítulo do livro *Literatura e resistência* (2002), Alfredo Bosi discorre, em certo trecho, sobre momentos que viveu nos anos 70 do século passado, em Osasco (SP), ao lado de jovens, em sua maioria “negros e mestiços de subúrbio, filhos de migrantes com baixa escolaridade, condenados a marcar passo na sua condição de pobreza” (Bosi, 2002: 263). Juntamente com dois padres de alma generosa, Domingos Barbé e Manuel Retumba, lá esteve ele ajudando a consolidar a Pastoral Operária, as comunidades eclesiais de base e o Movimento de Não Violência. No texto acima mencionado, o autor faz uma indagação, um tanto cética, se na atualidade se teria alterado o grau de inclusão social daquelas pessoas. A pergunta me motivou a ir até aqueles jovens, hoje já maduros e idosos, para que eles próprios pudessem se manifestar. E assim, surgiu este pequeno ensaio.

Alfredo Bosi sempre permaneceu no Brasil, mesmo nos anos mais sombrios de ditadura (1968-1974). Este aspecto remete à luta travada pelos intelectuais que aqui ficaram, mas que raramente é mencionada, deixando a lembrança na penumbra. O tema, entretanto, merece reflexão, pois intelectuais que foram exilados, ou mesmo aqueles que se impuseram essa condição, acabaram mais tarde recebendo consideração e destaque por sua luta - o que sem dúvida é justo, particularmente para os legítimos defensores da democracia. Todavia, esta reverência não deveria apagar os que, também combativos, permaneceram em luta, dentro de seu país. Poderia se pensar, a princípio, que tenham ficado apenas porque fossem tidos como inofensivos aos olhos do *sistema*. Longe disso: ficaram porque se recusaram a abrir mão da permanência e porque sua combatividade incorporava a lucidez de mesclar ousadia e recolhimento, sem abdicar da trajetória de resistência. Devemos a pessoas como Alfredo Bosi, e a outros tantos resistentes, a luminosidade de aqui restar e aqui combater com as armas de paz, persuasão, não violência e firmeza permanente. Sem essa operosa coragem, nossa rota de embates pela cidadania por certo teria sido bem mais difícil.

É o que pretendo sinteticamente mostrar aqui, recorrendo a depoimentos de militantes da Pastoral Operária, com quem Alfredo trabalhou nos anos 70, no município paulista de Osasco, especialmente nos bairros de Vila Yolanda e Vila Munhoz.

Alfredo Bosi nutre dentro de si um desprendimento incomum. Não menciono apenas por aquilo que ele escreve ou fala, mas também e principalmente por aquilo que *faz*,

na busca incansável em não dissociar pensamento e ação. José Carlos da Silva, o “Índio”, um destes militantes, hoje com 52 anos, diz que:

“O Alfredo Bosi é uma pessoa que fala não só com as palavras, mas fala com a presença dele, com a atitude dele, com o jeito de ser dele. Você tem que observar porque ele vai falar pela ação.”

Pensamento e ação estão entrelaçados em Alfredo para atuar a serviço dos que pouco ou nada têm, dos esquecidos, dos que foram desqualificados. *Estar a serviço de* uma causa assim é entregar-se humildemente a ela, colocando-se *entre* as pessoas com quem se solidariza. Não como dono de uma verdade que supostamente deveria ser disseminada entre aqueles que não a têm, mas, sim, como um ser que se une a outros para um trabalho coletivo de libertação. O que implica não usar a imensa envergadura intelectual como índice de superioridade, mas aceitar e conviver com a temporalidade e com os percalços de quem apenas se inicia no universo letrado, incentivando essas pessoas na tomada de consciência de sua posição social e estimulando-as a explorar as potencialidades de mudança que este movimento de emancipação propicia.

“Ele é uma figura de ouro” – diz Anísio Marcolino, de Cotia, ex-operário metalúrgico, hoje professor secundário, com 57 anos. *“Uma pessoa que, pela sua simplicidade sabe transmitir muita **segurança**, muita **sabedoria** para as pessoas. Uma sabedoria que não é de arrogância. Na posição em que ele está hoje, como catedrático da USP ou mesmo na própria Academia de Letras, ele ainda é uma pessoa simples, de extrema sabedoria, mas de uma sabedoria que é capaz de chegar ao alcance de todos”*.

Maria Ione Ferreira, da Vila Yolanda, hoje com 67 anos e atuante na defesa do menor e do adolescente, complementa esse pensamento:

“Ele trazia a fé e a coragem para o militante... mostrava o espaço do militante para você não sair atropelando. Ele é muito cauteloso, entendeu? Buscava (discutir) como os militantes poderiam caminhar para Revista Kairós Gerontologia, 14(2), ISSN 2176-901X, São Paulo, junho 2011: 111-118.

*alcançar suas metas, cientes daquilo que queriam... Uma conversa com o Alfredo Bosi era como se você recebesse uma fiada de esperança e coragem porque é uma pessoa com uma bagagem muito fina. Fala uma linguagem do povo... não é uma pessoa que você tem dificuldade de entender. (Ele) **entende** esse povo que vem sem conhecimento, essas pessoas simples. (...) Porque o povo simples tem muito **medo** de conquistar o espaço. É muito submisso ao que vem de cima para baixo. E o Alfredo mostrava que as coisas tinham de nascer da terra. O que vem da terra é o que dá frutos.”*

Tanto é assim que nunca o receberam com a reserva que é habitualmente destinada aos intelectuais, mas sim como alguém que, além das qualidades apontadas, os respeita de forma integral e sincera. Sentem que a aproximação de Alfredo nunca foi fruto de demagogia ou proselitismo sectário, mas de uma adesão verdadeira, densa e sem fim à luta dos oprimidos. O que não é pouco se pensarmos na distinção que Hoggart (1977) assinala no âmbito da cultura popular entre o “nós” e o “eles”. Quando as pessoas do povo situam a figura de Alfredo como próxima a “nós”, trata-se de algo que raros intelectuais conseguem alcançar, pois, via de regra, são vistos do lado oposto, ou seja, posicionados entre pessoas e instituições distantes, de quem se deve desconfiar, pois ora se revelam oportunistas ora se colocam refratárias ou até mesmo adversas ao universo das coisas do povo.

Marinete de Brito Brasil, com 77 anos e até hoje líder comunitária em Vila Yolanda, tem uma expressão feliz, capaz de sintetizar o que estou tentando dizer. Afirmo que “nós nem sabíamos que ele era professor”. E complementa, com assertividade: “O Bosi, para nós, não é o professor; o Bosi para nós não é apenas o amigo. O Bosi para nós é uma pessoa **nossa**, uma pessoa **da gente**.”

Naquela época, como narra José Edilton Brasil, hoje com 53 anos, os lugares frequentados por Alfredo em Osasco eram “bairros pobres, com ruas de terra” e com muitos outros problemas. Salvador Pires, operário metalúrgico e hoje líder sindicalista em Santos, com 65 anos, afirma que:

“(...) a Vila Yolanda na época era bem periferia de Osasco; era barra pesada, não era coisa simples. Quem estava organizando sempre tinha

este risco: da violência do crime e da violência da repressão política e institucionalizada.”

Assim, a presença de Alfredo ali – juntamente com os padres operários – mostra ao mesmo tempo coragem, adesão verdadeira e humildade – um traço que nenhum dos depoentes deixou de sublinhar com muita ênfase. Advan Dias da Silva, ex-caldeireiro em metalúrgica, hoje com 61 anos, observa que:

*“Ele tinha aquele sentimento de fazer com que a pessoa saísse dali conhecendo. Ele usava todos os seus métodos, suas formas e conseguia fazer a gente entender. Quando ele vem para este nível da classe trabalhadora, um nível despreparado, bem baixo, ele chega, escuta, dialoga, conversa... isso é uma riqueza! A gente vê que é uma capacidade muito grande da pessoa. (...) Se a pessoa tem essa simplicidade, ela acolhe tanto a pessoa de alto gabarito quanto a pequena. Ele não **espanta** a pessoa.”*

João Vieira de Moraes, hoje com 60 anos, assim descreve essa humildade:

*“Ele **sente** a dor do trabalhador e tem muita humildade: de escutar, de ouvir, de transmitir. Um intelectual, uma pessoa formada, muitas vezes se distancia do trabalhador; ele não, pelo contrário. Ele desceu ao trabalhador.”*

A imagem faz lembrar o comentário de Sebastião Ferreira, aluno da Universidade Aberta à Terceira Idade da USP, a respeito da Profa. Ecléa Bosi: é “uma pessoa que olha para o chão” (no sentido do reconhecimento das pessoas simples). José Carlos da Silva, o “Índio”, enxerga essa humildade no respeito ao movimento de pensar e agir do outro:

“Em vários momentos” – diz ele – “acho que o Alfredo Bosi poderia até dizer muito mais do que disse, mas acho que ele tinha a humildade de esperar a gente amadurecer... e isso é uma coisa rara.”

Muitos lembraram o fato de que Alfredo tinha uma vida estável e, mesmo assim, não titubeava em largar a casa, a família e ir se juntar a pessoas simples. Às vezes, passavam o domingo todo nessas reuniões.

“Cada membro da comunidade” – diz Maria Ione Ferreira – “levava sua comida, cada um levava o que tinha. Era uma situação muito dura porque às vezes a mulher participava e o marido não. Ou o homem participava, a mulher não. Então, ele tinha que dar um jeito de falar com a esposa para fazer um arroz, um frango... E o Alfredo compartilhava com a gente daquele almoço comunitário como um de nós, com uma pessoa simples. A gente ficava emocionada com o jeito de ele ser. Você fica emocionada de ver uma pessoa com um conhecimento tão grande, convivendo com a gente, comendo aquela farofa. (...) Todo mundo queria ficar com ele na rodinha para conversar.”

Anísio Marcolino vai na mesma direção ao mencionar que:

“Admiro muito nele a sua timidez e a sua humildade. Ele é uma pessoa muito humilde. Admiro também a formação cristã, que não é fanática e que tem um toque de libertação, com uma postura muito forte: se eu quero e se o mundo quer, nós temos que fazer. Não temos que esperar que aconteça. (...) Talvez o grande obstáculo nisso tudo é que provavelmente ele não encontre hoje, nas pessoas, quem tenha aquela vontade de fazer um trabalho popular.”

Se a disposição de muitos atualmente se arrefeceu, isso não vale para estes militantes. Os de Vila Yolanda, que começaram com Alfredo há décadas atrás, persistem em sua luta: Marinete na comunidade, Ione com os menores e adolescentes; Joãozinho no partido político, Salvador no sindicato, Eliezer na associação, e assim por diante. Não obstante o cenário político e social em que vivemos, ninguém desanimou, o que é extremamente admirável. De onde vem tanta força?

Eliezer João de Souza, hoje morador em Itapevi, com 65 anos, fundador e diretor da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto, explica:

“O Alfredinho Bosi... a forma com que ele passava as coisas dava uma segurança... tanto que aquilo que ele passou ficou como uma rocha – uma rocha ética. (...) O aprendizado que eu tive me dá uma firmeza ética muito forte. (...) Eu fui vereador nesta cidade e eu tinha a maior possibilidade de ganhar dinheiro: a corrupção aqui vinha na ordem do dia para você. Eu podia ter mudado financeiramente. Agora... eu não ia dormir de noite. Talvez tivesse até que mudar daqui porque não tem como viver assim. Mas, esse aprendizado é mais forte do que eu.”

Como se pode constatar, vários anos se passaram, mas o trabalho social voluntário e militante está longe de ter sido esquecido. Está vivo na memória e no dia a dia de cada uma destas pessoas. Todas, sem exceção, queriam que Alfredo soubesse disso e que um público maior também tivesse conhecimento; sou aqui apenas o porta-voz.

Marinete de Brito Brasil permite-nos entender a extensão destas fortes raízes:

*“O Bosi não se doou nem por dinheiro nem por poder e nem por glória. Ele simplesmente fazia uma coisa por amor. Eu acredito que seria muito importante que ele tivesse conhecimento do **quanto** ele nos ajudou e nunca se cansou ou se aborreceu... Aquele que eu conheci na comunidade vinte e tantos anos depois era o mesmo Bosi. (...) Aquela mansidão, aquela humildade, encolhidinho, com essa abertura, aquele homem bom que nunca deixou a gente ver dois lados nele, a não ser aquele lado paciente, humilde e – dentro daquela paciência e humildade - com vontade de fazer a gente crescer.”*

Encantador, também, foi presenciar a reação de Darci Gomes Franco, metalúrgico aposentado, hoje morador de Cotia, com 61 anos. Ao me responder qual seria o recado que tinha para Alfredo, irrompeu em pranto, emocionado, para depois completar:

“O que eu poderia mandar para ele são estas lágrimas... essa emoção que eu senti agora”.

Essa emoção do Darci é a mesma de todos nós. E se Alfredo ainda tiver guardado aquele caderno do Bosi menino, com poemas feitos para chorar, como está assinalado em trabalho recente (2005), pediria que registrasse este momento. Ele não está na literatura, mas na poesia da alma de todos quantos tiveram e têm a felicidade de conviver e aprender com uma figura tão iluminada.

Referências

- Bosi, A. (2005, setembro/dezembro). Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados*, 19(55): 315-34.
- Hoggart, R. (1977). *As utilizações da cultura*. (M.C.Cary, Trad.). Lisboa: Presença. (2 v.).

Recebido em 13/04/2011

Aceito em 05/05/2011

Paulo de Salles Oliveira - professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP-São Paulo. Entre suas publicações em livro estão: *Cultura solidária em cooperativas - Projetos coletivos de mudança de vida*. (2006). São Paulo, EDUSP/FAPESP e *Vidas compartilhadas - Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. (2011). 2ª ed. São Paulo: Cortez.

E-mail: psalles@usp.br.